

**RICHELLE MEAD**

TABULEIRO  
DOS DEUSES

SÉRIE  
A ERA DE X

Tradução  
GUILHERME MIRANDA

B I  
B I  
B I  
B I

Copyright © 2013 by Richelle Mead, LLC

Todos os direitos reservados.

Publicado em Língua Portuguesa por acordo com Dutton,  
Penguin Group (USA) Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Gameboard of the Gods

FOTO DE CAPA GrenouilleFilms/ Getty Images

PREPARAÇÃO Malu Martucci

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mead, Richelle

Tabuleiro dos deuses / Richelle Mead ; tradução

Guilherme Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2014.

Título original: Gameboard of the Gods.

ISBN 978-85-65530-51-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-13915

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparela.com.br](http://www.editoraparela.com.br)

[atendimentoao leitor@editoraparela.com.br](mailto:atendimentoao leitor@editoraparela.com.br)

# Sumário

1. Normalmente ela usa preto .....	9
2. Um pedinte à porta .....	19
3. Alguns problemas a menos .....	32
4. O espelho um do outro .....	45
5. Um precipício .....	53
6. Gênio, vigarista .....	65
7. Reino Mágico .....	73
8. Não é legal .....	82
9. Os guerreiros mortais que nos protegem .....	96
10. Mestre e aprendiz .....	105
11. Licença para cultuar .....	119
12. Milagres .....	128
13. Dois por cento .....	140
14. O megalomaníaco preferido de Justin .....	146
15. Ele é mais alto .....	159
16. Princípio e tudo mais .....	171
17. O homem mais perigoso da República .....	184
18. Uma igreja sem deus .....	199
19. Gratos por estarem nos rebanhos da civilização .....	209
20. Uma bomba-relógio .....	221
21. Conflito de interesses .....	235
22. O Reformatório Para Meninas Terroristas Sem-Vergonha .....	250
23. A balada de Mae e Porfirio .....	261
24. Terapia .....	273
25. Como Mae encontrou seu propósito .....	286
26. Todos são tão loiros .....	300
27. Decoro Koskinen .....	309
28. A droga dela .....	319
29. Brechas técnicas .....	328
30. Os devaneios de um homem louco .....	337
31. Valquíria vingadora .....	345
32. Mal desesperado, remédio heroico .....	352
33. Armas de mortais .....	364

34. Ninguém nunca está esperando a faca .....	376
35. Um recluso e um gênio da tecnologia .....	387
36. O outro padrão .....	397
37. Jasmim-de-madagascar .....	409
Agradecimentos .....	423

# 1. Normalmente ela usa preto

Mae matava o tempo todo. A morte não era nenhum problema para ela.

No campo de batalha, a morte era absoluta e não havia por que parar para pensar no seu significado. As matanças eram meros objetivos de missão e as pessoas mortas não eram exatamente pessoas. Era você ou elas. E, terminado o confronto, podia-se simplesmente sair andando.

Mas, naquele dia, não havia como sair andando. Naquele dia, ela caminhava *na direção da morte*, e era isso que a apavorava. Como poucas coisas a apavoravam naqueles tempos.

Respirando fundo, encostou a bochecha no espelho da sala e fechou os olhos, confortando-se com o frescor do vidro contra a pele. Mentalmente, repetiu diversas vezes o credo do soldado, usando as palavras conhecidas para se acalmar: *Eu sou um soldado da República. Não sirvo à minha vontade, mas à de meu país. Sou sua ferramenta e me alegro em dar a vida para proteger a glória desta nação. Eu sou um soldado da República. Não sirvo à minha vontade, mas à de meu país...*

Ela foi surpreendida por uma batida na porta e, assustada, abandonou o mantra e se endireitou. Voltando a respirar fundo, acalmou o tremor de suas mãos e guardou as emoções num compartimento longínquo do cérebro. Trancafiados, esses sentimentos não teriam como atingi-la. Eram impotentes, e isso a deixava livre. Voltou a olhar o próprio rosto no espelho, mas ele não revelava nada. Era inexpressivo. Vazio. Sobre controle.

Dag e Val estavam à porta, como ela havia imaginado. Eles a cumprimentaram com sorrisos forçados, destoando muito do comum, normalmente alegre e descontraído. Ambos estavam com fardas idênticas à dela: um casaco preto com gola mandarim sobre calças e botas pretas. Preto por toda parte. Até os botões eram pretos. A única cor vinha de um ponto escarlate na gola, destacando-se como uma gota de sangue. Para olhos inexperientes, aquelas fardas não diferiam em nada das que os pretorianos sempre usavam em batalha. Para Mae, que podia ver e sentir o tecido vistoso do traje formal, a farda parecia frágil e trazia à tona o medo que sentia de ficar vulnerável. Estar desarmada não ajudava muito.

— Vieram para ser minhas babás? — ela perguntou.

— Quem falou alguma coisa sobre babá? — Dag sempre respondia logo

com um sorriso, embora, naquela manhã, seu olhar o denunciasse. — Somos só amigos saindo juntos.

— Você fala como se a gente estivesse indo para um bar — Mae respondeu. Ela voltou para o espelho e examinou o coque trançado que fizera com tanto esmero. Com uma careta, tirou os grampos e começou a desfazer todo o penteado.

Val se sentou à vontade no braço do sofá, espreguiçando-se, indolente como um gato, mesmo naquelas circunstâncias.

— O que você está fazendo?

— Está desarrumado — Mae respondeu.

— Não tinha um fio fora do lugar — Val protestou.

Mae não respondeu. No espelho, via os amigos trocando olhares apreensivos. *É pior do que eu imaginava*, Val parecia dizer. A expressão de Dag denunciava que ele estava de acordo, mas que não sabia exatamente como lidar com isso. Quebrar pescoços, levantar pesos, comer *donuts* competitivamente. Essas coisas estavam na sua zona de conforto. Terapia, não muito.

Essa tampouco era uma das habilidades de Val. Nenhum dos dois sabia o que fazer com Mae, que certamente não ajudaria em nada; afinal, ela não queria que eles fizessem alguma coisa. Ela queria que a tratassem do modo irreverente como sempre a trataram. E o que mais desejava era que aquele dia chegasse ao fim, para que a vida pudesse voltar ao normal.

— Quantas vezes você fez esse coque hoje? — A voz de Val era estranhamente suave.

— Está errado — Mae disse, fugindo da pergunta. Na realidade, aquela era a oitava vez que ela arrumava o coque. Chegou a puxar com tanta força que seu couro cabeludo já tinha começado a ficar vermelho, embora o minúsculo e diligente implante no braço mitigasse a dor. — Você não tem como entender.

Val e Dag nunca tiveram problemas com cabelo. Dag sempre manteve o cabelo preto raspado rente, enquanto Val mantinha um corte “joãozinho” que combinava com seu corpo diminuto. *Devia cortar o meu assim*, Mae pensou. Ela tinha considerado isso dezenas de vezes, mas nunca teve coragem.

— Está tudo bem, viu? O luto faz parte do, hum, processo. — Dag parecia ter lido livros de autoajuda antes de chegar. — Pode chorar se quiser.

— Por que eu choraria? — Mae puxou a trança com tanta força que se crispou.

— Porque é isso que as pessoas fazem quando perdem um ente querido — Val disse. — Você está tão tensa que vai explodir se não relaxar. E não vá me desfazer esse. Está perfeito.

Mae tinha acabado de finalizar o cabelo outra vez, enrolando a trança

cuidadosamente num nó perfeito acima da nuca. Ela realmente estava prestes a tirar tudo de novo quando Val conteve seu braço.

— Chega, Mae. Nós vamos chegar atrasados.

O fato de Val usar seu nome verdadeiro no lugar do apelido, Finn, era outro mau sinal. Mas Mae não tinha como negar o argumento da amiga. Era hora de ir. Depois de uma última olhada no espelho, deixou que a guiassem até a entrada do metrô, do outro lado da rua. Eles pegaram a linha azul em direção à base, recebendo vários olhares confusos dos passageiros. Não era comum ver pretorianos fora dos centros militares e federais. Um grupo deles era especialmente raro. Os passageiros mantinham distância e olhavam de um lado para o outro do trem, apreensivos, se perguntando se deveriam esperar um ataque terrorista a qualquer momento.

O trio acabou chegando à base mais cedo, mas vários outros pretorianos já estavam entrando no salão de cerimônias. E ali, Mae vacilou, parando bem diante da entrada. O sol primaveril estava alegre e radiante demais para um dia como aquele. Dag tocou em seu braço:

— Está tudo bem?

— Você não precisa ir — disse Val.

Mae saudou a bandeira sobre ela e continuou seguindo até o leitor biométrico.

— Está tudo ótimo.

Filas de cadeiras perfeitamente alinhadas enchiam o salão, que estava quase igualmente cheio de pretorianos. A notícia chegara menos de uma semana antes e devia ter sido com grande dificuldade que uma parte tão grande da guarda fosse retirada de suas missões dispersas. Alguns não estariam presentes, claro. Fazia parte da natureza do serviço. Mas a morte de um pretoriano era algo tão monumental que sem dúvida seus superiores fariam o possível para garantir um bom espetáculo.

Embora não houvesse uma definição oficial de assentos, os pretorianos estavam se agrupando em coortes. Val acenou para alguém do outro lado do salão. Os escarlates já vinham ocupando uma posição e os chamaram com acenos. Val e Dag começaram a caminhar naquela direção, mas Mae voltou a se deter, deixando seu olhar focar na outra extremidade do salão.

Não havia corpo a ser recuperado; mesmo assim, colocaram um caixão feito de madeira escura reluzente. Preto pretoriano. Uma faixa de seda cor de índigo o recobria e, sobre ela, estava dobrada a bandeira da RANU. Em ambos os lados havia arranjos de gardênia, cuja suavidade contrastava com as linhas duras do caixão.

Sem se importar se Val e Dag a seguiriam, Mae se voltou para o corredor central que levava até o santuário. Dentro dela, começou a surgir uma

onda de emoções — tristeza e pânico misturados — que ela abafou com tenacidade. Estufando o peito, levantando o queixo, começou a longuíssima caminhada até a frente do salão. As pessoas abriam caminho para ela, e aqueles que ainda não a haviam notado agora paravam para olhar. Ela ignorou as encaradas, assim como os sussurros que logo se iniciaram. Mantinha o olhar fixo e firme voltado à frente, repetindo o credo em silêncio: *Eu sou um soldado da República. Não sirvo à minha vontade, mas à de meu país.* Essas palavras ecoaram as de sua mãe, ditas muitos anos antes: *Você pode ignorar o resto das pessoas porque é melhor do que elas. Livre-se dos sentimentos, pois, se elas não puderem vê-los, não poderão usá-los contra você.*

Os que estavam próximos à frente do salão também abriram caminho para ela, afastando-se do esquife. As conversas caíram em silêncio. Logo abaixo da bandeira, uma placa dourada estava afixada à madeira escura. PORFIRIO ALDAYA, COORTE ÍNDIGO. As datas de seu serviço estavam listadas abaixo, junto com uma inscrição em latim que devia mencionar algo como honra e dever. Mae passou a ponta dos dedos sobre o nome dele e, subitamente, o cheiro de gardênia foi se tornando nauseante e opressivo. O mundo parecia rodar em torno dela e ela cerrou os olhos.

*Porfirio morreu.* Não parecia possível que alguém tão cheio de vida, em quem ardiam tanta energia e entusiasmo, pudesse ter realmente partido deste mundo. Ela não conseguia encontrar um meio de pensar no que teria acontecido com ele após a morte. Será que sua consciência havia deixado de existir? Ou será que ele estava no paraíso sobre o qual pregavam os fanáticos religiosos?

— Foi você que matou o Porfirio, sabia?

Mae abriu os olhos ao som da voz conhecida e se virou lentamente. Drusilla Kavi estava lá, com as mãos no quadril, e um misto de fúria e sofrimento nos olhos, que refletiam os sentimentos de Mae. Kavi era uns quinze centímetros mais baixa que ela, e Mae não teve problemas em manter o rosto calmo e inexpressivo diante daquela fúria. Outros pretorianos que estavam perto observavam atentos.

— Foi você que matou o Porfirio — Kavi repetiu. O ponto cor de índigo na sua gola lembrava o de Porfirio. — Você bem que podia ter ativado a bomba com as suas próprias mãos, sua vadia castal de merda. Ele não teria morrido se não fosse por você.

Mae já tinha sido chamada de nomes piores e aprendera a ignorar esse tipo de coisa havia muito tempo.

— Porfirio fez suas próprias escolhas. Ninguém o teria obrigado a fazer nada. — Ela se recusava a ser atormentada e tentou passar por Kavi. *Fique calma. Seja superior.* — Com licença, preciso voltar para minha coorte.



— Não fuja de mim! — Kavi esbravejou. Sua voz ecoou pelo salão e todos os que ainda não haviam percebido o drama que se desenrolava passaram a notar. Kavi segurou o braço de Mae. — Você tem algum sentimento? Você liga para a morte dele? Como você consegue ser tão fria?

Mae puxou o braço com força para se livrar de Kavi e sentiu a primeira chama de raiva.

— Não encosta a mão em mim de novo. E não insulte o Porfirio fazendo um escândalo. — Mae deu meia-volta e viu que Val e Dag haviam se aproximado, assim como vários outros escaurates. Atrás de Kavi, vários índigos também haviam se agrupado. Reforços. Todas as expressões estavam tensas e duras, preparando-se para defender os seus. Os pretorianos tinham um histórico considerável de confrontos violentos entre coortes, mas raramente brigas num funeral constavam nos registros.

— É isso que acontece com os homens com quem você fode? Você acaba matando todos? — Kavi voltou a segurar Mae e a fez se virar. — Eu falei para não fugir de mim! *Você matou o Porfirio!*

— Eu disse para não encostar a mão em mim.

Então tudo foi pelos ares. Kavi não tinha apenas destroçado o rigoroso controle disciplinar de Mae como também abriu todos os compartimentos que ela usava para trancafiar seus sentimentos. Todo o luto, toda a fúria, toda a culpa... todas as emoções que encaixotara e arquivara desde que soube da morte de Porfirio começaram a vir à tona. As comportas rebentaram e Kavi estava no caminho.

Os pretorianos eram rápidos; seus reflexos eram melhores do que os de soldados comuns. Era isso o que os definia e o que o implante acentuava. Quando Mae avançou e deu um soco na cara de Kavi, ela deveria ter pelo menos previsto isso. Poderia até não ter a chance de reagir com todas as forças, mas teria cuidado. Pelo arregalar de seus olhos conforme caía para trás sobre uma fila de cadeira, ficou claro que estava completamente despreparada para o ataque.

Começado o embate, porém, seus reflexos logo se ativaram. Com um leve atraso, ela se levantou, mas Mae já tinha partido para cima dela de novo. Kavi tentou acertar alguns golpes, mas Mae se esquivou de todos. Dando um salto para o lado — com a mesma destreza com que executava todos os golpes no *canne de combat* na juventude —, Mae pôde empurrar Kavi para trás, que caiu com estrépito e muito menos graça do que se esperaria de uma pretoriana. Eles costumavam ser como gatos, mas ela teve dificuldades em se aprumar. Mesmo assim, sua resposta foi rápida para os padrões das outras pessoas, ainda que lenta para os deles. Kavi não teve nenhuma chance de se defender quando Mae se lançou adiante e desferiu um chute em seu estôma-

go, imediatamente seguido por um golpe no joelho. Mae ouviu um estalo e Kavi gritou ao cair no chão.

O modo de batalha se ativava de maneira tão automática que Mae mal notou o que estava fazendo, exceto que precisava continuar lutando e garantir que Kavi fosse mantida no chão. Endorfinas e neurotransmissores surgiram dentro dela, tornando-a mais forte e rápida, mas outra coisa os intensificava naquele dia, uma estranha escuridão que fazia transbordar seus sentidos e a empurrava à destruição. Essa escuridão a cobriu como um manto, uma força externa que, lenta e insidiosamente, a invadia, fazendo com que se deleitasse com o prazer da dor e da violência. Por um breve instante, o pânico tomou conta de Mae conforme ela reconhecia a sensação intempestiva: *Não, de novo não*. Mas seus protestos mentais logo foram tragados pela névoa da batalha.

Kavi esforçou-se um pouco, tentando, em vão, levantar-se, mas Mae manteve a adversária presa ao chão e a socou várias e várias vezes. Mae começou a notar vagamente o sangue no rosto de Kavi e o som de gritos cada vez mais altos ao redor. Durante todo aquele tempo, Mae pensava: *Porfirio morreu. Porfirio morreu...*

Ela não saberia dizer quanto tempo se passou até que fortes braços a ergueram, afastando-a da outra mulher. Sua visão estava matizada de vermelho, e a adrenalina, intensificada pelo implante, agitava-se violentamente dentro dela. E então, lenta e angustiadamente, o mundo voltou a tomar forma. Aquela fúria impulsionada pelo luto enfraqueceu e, mais importante, a força sombria que caíra sobre ela se dispersou. Ela viu soldados regulares vestidos de cinza e castanho entrando no salão, acompanhados pela polícia militar. No entanto, nenhum deles encostou a mão nela. Os únicos que poderiam controlá-la em pleno modo de luta eram outros pretorianos, dois dos quais a continham agora.

— Calma, Finn. Calminha. — Mae se tocou que um dos seus captores era Dag. — Você venceu. Agora chega.

Foi então que se atreveu a olhar para o chão. Kavi não estava morta, embora sua respiração estivesse muito irregular e seus olhos, semicerrados. Uma de suas pernas estava curvada num ângulo anormal, e o sangue cobria seu rosto inchado. Seu nariz parecia quebrado. Mae observou horrorizada, incapaz de acreditar no que havia feito. Os pretorianos lutavam entre si com mais frequência do que gostavam de admitir. Quando se tem um grupo de pessoas tão fortes e quimicamente estimuladas, era difícil não surgirem brigas. Normalmente, os oponentes eram muito equilibrados. Claro que havia um vencedor, mas raramente as lutas eram tudo ou nada.

Mas aquilo? Aquilo era nada. Kavi não era nada. Não acertou um único golpe em momento algum. Conforme o implante de Mae se desativava e

metabolizava a adrenalina, ela buscou entender o que havia acontecido. Os pretorianos que a seguravam finalmente conseguiram acalmá-la a ponto de entregá-la aos PMS que os cercavam, apreensivos. Mae não ofereceu resistência. Deixou que a guiassem para a saída, mas não antes de lançar um último olhar incrédulo para Kavi.

Deixaram Mae em uma cela pelo resto do dia, o que lhe deu tempo para analisar o que havia acontecido. Não havia como negar: ela perdera o controle. Tinha sido fraca, deixando que as emoções a vencessem. E reconhecer essa ideia para si mesma era humilhante. Uma leve provocação de Kavi fez a armadura de Mae cair em pedaços.

Mas, além das farpas de Kavi, outra coisa havia se infiltrado nela. Mesmo agora, Mae sentia uma náusea e um calafrio com a lembrança da força sombria que se apoderara dela durante a luta, uma força que — ela tinha certeza — não se relacionava com o implante ou seu sofrimento. *Continua acontecendo*, ela pensou, transtornada. A vida de Mae girava em torno de ser dona do próprio corpo, e a ideia de que outra coisa tomasse controle dela destruíra tudo por que lutava. Devia ser algum artifício da mente... afinal, o que mais seria? *Preciso contar para alguém. Preciso ver um médico.* Mas essa ideia era muito assustadora. Os pretorianos que consultavam psiquiatras normalmente não continuavam sendo pretorianos por muito tempo. Ninguém gostaria de unir instabilidade mental com um implante que intensificava o desempenho.

Outra dúvida ardia na mente de Mae conforme esperava o fim do dia. Por que Kavi reagira tão lentamente? Ou será que Mae simplesmente foi rápida demais? Não, quanto mais pensava no assunto, mais ficava claro que não havia nada de extraordinário na maneira como lutou. Claro, tinha sido mais emocional do que de costume, mas isso não teria afetado nada. Mesmo a fúria daquela força sombria não poderia criar tamanha disparidade.

Por que Kavi havia sido tão lenta?

Mae ainda não tinha encontrado uma resposta quando os PMS chegaram para tirá-la dali. Eles a escoltaram até uma sala de conferência, onde ela encontrou o general Gan sentado na outra extremidade de uma longa mesa. Agora, ele estava usando a farda militar habitual, completamente cinza, exceto pela parte superior da jaqueta, que era castanha, adornada por medalhas de sua patente e por uma faixa preta na gola que mostrava que ele havia sido pretoriano. Seu cabelo preto era entremeado por mais fios prateados do que quando ela o conheceu, muitos anos antes, mas a intensidade e a determinação constantes no seu olhar permaneciam as mesmas.

O frio na barriga de Mae aumentou. Ela esperava que alguma outra pessoa fosse responsável pela punição, talvez algum dos muitos subalternos dele. Não era da patente dele que ela tinha medo, mas da ideia de desapontá-lo.

Com a cabeça, ele fez um leve aceno para os PMS, que saíram batendo a porta atrás de si. O silêncio reinou na longa sala.

— Sente-se — Gan disse, por fim, apontando para uma cadeira mais ou menos no meio da mesa. Mae obedeceu.

— Então. Ouvi sobre o incidente de hoje. — Gan era o mestre dos eufemismos.

Mae estava com o olhar fixo à frente. Ela nunca havia faltado à responsabilidade e não começaria agora.

— Eu perdi o controle, senhor. Vou aceitar de cabeça baixa a punição que achar conveniente. — *Suspensão*, ela pensou, melancólica. *Eles vão me suspender com certeza, a menos que me expulsem de uma vez.*

Ele deu de ombros.

— Foi um dia duro. É compreensível que os ânimos estejam exaltados, ainda mais depois da perda de um amigo.

Gan sabia perfeitamente que Porfirio era mais do que um amigo para Mae, e sua compaixão a incomodava tanto quanto a de Val e Dag. Ela preferiria que gritassem com ela, jogando na cara como suas ações tinham sido vergonhosas e inadequadas, afinal, realmente foram. Ela achou melhor lembrá-lo disso, pois, obviamente, seu afeto por ela estava prejudicando seu discernimento.

— Senhor, o que eu fiz foi inaceitável. Imperdoável.

O general respondeu com o esboço de um sorriso, que, porém, não suavizou os traços de seu rosto.

— Já vi coisas piores, e metade da sua coorte veio aqui para me dizer o quanto você foi ofendida. A Valeria Jardim e o Linus Dagsson foram estorvos em particular. — Sim, claro que foram. — Isso, óbvio, não quer dizer que podemos ignorar o que aconteceu. O incidente vai ser mencionado na sua ficha e você será suspensa do serviço regular.

*Suspensa do serviço regular.* Era o que ela esperava, mas, mesmo assim, era difícil de absorver.

— Não se preocupe. Não vai ficar trancafiada ou confinada em um escritório. — Ele bufou. — Nem consigo me imaginar dando um serviço de escritório para um de vocês. Mal consigo imaginar um de vocês sentado por muito tempo. Os pretorianos são valiosos demais para serem desperdiçados e, por isso, tenho uma tarefa para você.

— Farei o que for preciso.

Ele tamborilou os dedos na mesa, momentaneamente perdido em pensamento.

— É uma missão peculiar, mas necessária, uma que, surpreendentemente, acabou de surgir e pode ser uma boa oportunidade para você se...

adaptar aos últimos acontecimentos. Claro que não pediríamos isso se não fosse importante.

— Claro, senhor. — O fato de ele ter usado as palavras “tarefa” e “missão” não garantiam nada, mas Mae tinha esperanças de ser enviada a alguma localidade explosiva. Não era mais do que ela merecia e, talvez, numa batalha gloriosa, ela pudesse se redimir.

— Eu preciso que você vá para o Panamá. Já foi para lá?

Mae levou alguns segundos para responder. Panamá? Não existia nenhuma batalha gloriosa lá. A RANU não tinha nenhum conflito contra aquela região. Na verdade, ela ouvira falar que havia tentativas de negociações comerciais em andamento. O Panamá ainda era provinciano, com religião descontrolada, um governo liderado por mafiosos, e aristocracias novas e arcaicas que rivalizavam pelo poder. Inofensivo se comparado a outros lugares.

— Não, senhor. Nunca estive lá.

— Bom, então agora vai. Os detalhes da missão vão ser enviados a você para que possamos nos encontrar novamente depois que os tiver examinado com atenção.

— Claro, senhor. — Ela hesitou quanto ao que diria a seguir. Não tinha o direito de fazer perguntas considerando o que havia feito. Obediência era a única linha de conduta possível. Mesmo assim, por mais que negasse às outras pessoas, ela sabia ser uma das preferidas de Gan. Ele deixaria que ela perguntasse. — Senhor... como está a pretoriana Kavi?

— Ela está ótima... quer dizer, considerando as circunstâncias. Vai ser hospitalizada por um tempo e, portanto, ficará fora do serviço enquanto se recupera. Você fez um belo serviço quebrando a perna dela.

Mae se crispou e a imagem do rosto ensanguentado de Kavi passou pela sua cabeça. Era difícil ferir pretorianos. *E ainda mais difícil matar, mas isso aconteceu com Porfirio.*

— Desculpe, senhor. Eu deveria visitá-la e dizer que sinto muito.

Gan riu, divertindo-se.

— Eu não recomendaria isso. Não acho que ela queira vê-la tão cedo. Se eu fosse você, evitaria toda a coorte índigo. — Ele observou Mae atentamente, avaliando-a com seus olhos astutos. — Vá em frente. Faça a próxima pergunta.

— Senhor... — Ela precisou baixar o rosto para desviar daquele olhar atento. — Kavi foi lenta. Ela deveria ter reagido com rapidez, mas não reagiu. Por quê? Por que ela reagiria tão mal? O que havia de errado?

A resposta de Gan levou um tempo, e Mae se atreveu a levantar os olhos.

— Talvez não houvesse nada de errado com ela. Talvez você é que seja tão boa.

Mae *sabia* que era boa, mas tinha certeza de que havia outras coisas envolvidas. Aquilo a incomodava, mas contradizer o general seria inaceitável, então, deixou a dúvida de lado. Ele a dispensou e, quando estava perto da porta, uma última dúvida surgiu em sua mente.

— Senhor, meu implante será desativado como parte da punição? — Ela sabia que isso poderia acontecer e temia essa punição quase tanto quanto a suspensão total ou a inatividade.

Gan chegou a parecer surpreso, o que não acontecia com muita frequência.

— Quê? Claro que não. Nunca mandaria você desprotegida para as províncias. E você vai ficar com a sua patente e seu título também. Embora...

Mae congelou. Ela não sabia o que estava por vir, mas havia algo no tom de voz dele que contradizia seu comportamento casual. Somado ao fato de que tudo tinha sido fácil demais.

— É algo pequeno. Você não vai poder usar a farda pretoriana até segunda ordem. Na verdade, essa missão não vai exigir uniforme nenhum, mas, se houver necessidade, por algum motivo, você terá de usar a farda cinza.

Ele estava certo. Era algo muito, mas muito pequeno; porém, as palavras dele atingiram Mae com a mesma força que uma pena de prisão. *Nada de preto*. Até aquele momento, ela não tinha se dado conta da importância que a farda representava para definir quem ela era. O implante e o título eram parte disso também, mas o preto conferia um poder próprio. Separava-a das outras pessoas menos importantes. Ela baixou os olhos para a roupa que vestia, a farda delicada que antes tanto desprezara. Agora ela faria qualquer coisa para ficar com ela. *Quanto tempo até eu poder voltar a usar preto?*

Gan pendeu a cabeça e lhe lançou um olhar intrigado.

— Presumo que não haja nenhum problema com isso, certo?

— Não, senhor. Claro que não. — Ela engoliu em seco. Nada de preto.

— Eu sou um soldado da República.